



Condicionantes sociológicas do consumo de hortaliças no Brasil: um estudo exploratório

Paulo Freire Mello¹
Maria Thereza Macedo Pedroso²
Marcelo Perilo³

Recebido em: 01/08/2022

Aceito em: 16/03/2023

Resumo

Um questionário *on line* aplicado em 2021, com 852 respostas em 186 municípios brasileiros, permitiu validar a relação da preocupação com segurança dos alimentos e o consumo de quatro grupos de hortaliças com as seguintes variáveis: escolaridade, idade, raça, gênero, atividade profissional e renda mensal. Destas, escolaridade e gênero se mostraram as variáveis mais importantes, confirmando a ideia de que o consumo alimentar é estruturado socialmente, tendo o capital cultural como elemento central. Adicionalmente, pensar o consumo de hortaliças em sua complexidade permite uma melhor observação de suas tendências.

Palavras-chave: distinção social; segurança de alimentos; consumo de hortaliças; sociologia da alimentação.

Conditioning sociological factors on vegetable consumption in Brazil: an exploratory study

Abstract

An online questionnaire applied in 2021, with 852 responses in 186 Brazilian municipalities, allowed us to assess the relationship of concern with food safety and the consumption of four groups of vegetables with the following variables: education, age, race, gender, professional activity and monthly income. Of these, education and gender were the most important variables, confirming the idea that food consumption is socially structured, with cultural capital as a central element. Additionally, considering the consumption of vegetables in its complexity allows a better observation of its trends.

Keywords: social distinction; food safety; vegetables consumption; sociology of eating.

Condicionantes sociológicas del consumo de vegetales en Brasil: un estudio exploratorio

Resumen

Un cuestionario en línea aplicado en 2021, con 852 respuestas en 186 municipios brasileños, permitió validar la relación entre la preocupación por la seguridad alimentaria y el consumo de cuatro grupos de vegetales con las siguientes variables: escolaridad, edad, raza, género, actividad profesional y ingreso mensual. De estos, la educación y el género resultaron ser las variables más importantes, lo que confirma la idea de que el consumo de alimentos está socialmente estructurado, con el capital cultural como elemento central. Además, pensar en el consumo de vegetales en su complejidad permite una mejor observación de sus tendencias.

Palabras clave: distinción social; Seguridad alimenticia; consumo de verduras; Sociología de la alimentación.

¹ Doutorado em Desenvolvimento Rural (PPGDR/UFRGS). Servidor Público do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). <https://orcid.org/0000-0003-1361-5875> E-mail: pfreiremello@yahoo.com.br

² Doutorado em Estudos Comparados sobre as Américas (UnB). Pesquisadora da EMBRAPA Hortaliças. <https://orcid.org/0000-0002-7589-186X> E-mail: maria.pedroso@embrapa.br

³ Doutorado em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Consultor em políticas públicas (Meswork). <https://orcid.org/0000-0003-3539-2764> E-mail: marceloperilo1@gmail.com

1 Introdução

No âmbito de uma pesquisa sobre os procedimentos para a aplicação da rastreabilidade⁴ ao longo de cadeias produtivas de hortaliças para fins de monitoramento e controle de resíduos de agrotóxicos, efetuamos uma sondagem exploratória sobre o consumo de hortaliças. Além de verificar a aceitação de alimentos rastreados, essa sondagem também nos permitiu observar que é possível haver uma diferenciação entre grupos de consumidores de hortaliças no Brasil.

O consumo das hortaliças representa a etapa final de suas cadeias produtivas. Diversos trabalhos demonstram o baixo consumo destes alimentos no Brasil. Mas que é menor ainda nas regiões Norte e Nordeste, entre famílias de baixa renda, entre jovens e pessoas menos escolarizadas (CLARO e MONTEIRO, 2010; CANELLA *et al*, 2018; JAIME *et al*, 2009; NASCIMENTO, 2021). Silva e Claro (2019), constataram que dois a cada três pessoas não consomem hortaliças ou frutas diariamente no Brasil. Como agravante, analisando os dados de 2008 a 2017, Vaz e Hoffmann (2021) identificaram uma redução nos gastos com alimentação das famílias brasileiras por conta da crise econômica que assola o país desde 2014.

Vale dizer que o baixo consumo de hortaliças não é um privilégio de países menos desenvolvidos e marcadamente desiguais em termos sociais e econômicos. Ocorre, inclusive, na Noruega, onde, apesar de abrigar uma sociedade rica e relativamente mais igualitária que a brasileira, persiste um consumo de hortaliças menor que o recomendado, ainda que não tão baixo quanto o verificado no Brasil (SKULAND, 2015).

De qualquer modo, sem desconsiderar o contexto brevemente relatado acima, uma abordagem pormenorizada sobre o consumo de hortaliças tornaria possível vislumbrar tendências de mercado, na medida em que, assim como a moda, o consumo alimentar, em geral, é hierarquizado e dotado de significação social. Importante afirmar Partimos da hipótese geral de que o consumo distintivo das elites tende a ser copiado pelas classes médias e, destas, pela classe trabalhadora, como ressaltam Novaes *et al* (2006).

Mas, também, como observaram Douglas e Isherwood (2004, p.113), em estudo de décadas anteriores, “a comida é um meio de discriminar valores e, quanto mais numerosas as ordens discriminadas, mais variedades de comidas são necessárias”. Assim, “os luxos do homem comum podem se transformar nas necessidades das classes mais altas” (DOUGLAS e ISHERWOOD, 2004, p. 174).

4 É o mecanismo que permite a reconstrução das trajetórias dos alimentos ao longo das cadeias produtivas e, com isso, torna possível a responsabilização dos agentes por eventuais inconformidades.

Comportamento que, atualmente, apresenta-se mais complexo, oportunizando diferentes interpretações, como a que considera certa tendência “gastro-anômica” em sociedades contemporâneas, ou seja, a redução da influência de normas alimentares nos comportamentos de sociedades ricas ocidentais (LAMBERT *et al*, 2005).

Nos interessou verificar se há indícios de mercados diferenciados para hortaliças entre brasileiros, já que as cadeias produtivas desses alimentos têm apresentado rápido crescimento no mundo e no Brasil (JUNQUEIRA e LUENGO, 2000; VILELA e MACEDO, 2000). Além disso, o presente artigo pretende apresentar o resultado de um questionário que relaciona o consumo de determinados grupos de hortaliças e os grupos sociais. Nossa amostra não é significativa. Trata-se de um estudo exploratório para verificar se há alguma relação entre grupos sociais e decisões alimentares, como sugerem Poulain e Proença (2003), aguardando oportunidade futura para a realização de um estudo mais complexo, com amostra representativa da sociedade brasileira.

A discussão é feita com base no referencial teórico de Pierre Bourdieu, considerando, todavia, seus desdobramentos críticos. De início, considere-se classe social como um conceito central para diversas vertentes das Ciências Sociais. Tendo sido pensado de forma diferente por Karl Marx e Max Weber, coube a Bourdieu (2007) valer-se de ambas as perspectivas e as compreender como posições relativas ocupadas no espaço social, fruto de determinados *habitus*, princípios que orientam práticas culturais. Reelaborando a teoria sobre classes, argumentou:

Os “grupos de status” fundados num “estilo de vida” e numa “estilização da vida” não são, como acreditava Weber, uma espécie de grupo diferente das classes, mas classes denegadas ou, se quisermos, sublimadas, e, assim, legitimadas (BOURDIEU, 2013).

O autor realizou amplo estudo sobre classe e práticas culturais na sociedade francesa das décadas de 1960 e 1970. Dentre elas, o consumo alimentar se apresentou como indicador importante de práticas de distinção e hierarquização social. Sobre isso, Bertonecelo (2019, p.3) assim resumiu:

Bourdieu argumentava existirem homologias entre o espaço social (ou o espaço das classes sociais, construído conforme as dimensões do volume e composição dos capitais possuídos pelos agentes, especialmente o econômico e o cultural, apreendidas sincrônica e diacronicamente) e o espaço dos estilos de vida, definidos como conjuntos sistemáticos de preferências que expressam uma mesma intenção expressiva conforme a lógica própria a cada um dos campos em que se organiza a vida social (alimentação, política, vestuário etc.). Tais homologias são mediadas pelo *habitus*, entendido como sistema de esquemas de percepção, apreciação e ação resultantes da incorporação pelos agentes dos condicionamentos sociais associadas a diferentes condições objetivas de existência.

A mesma linha de raciocínio foi testada em outros países, como o amplo trabalho feito no Reino Unido (BENNETT *et al*, 2009), onde se identificou a persistência de processos de distinção e dominação ligados à alimentação. Uma das oposições apontadas diz respeito aos processos de autocontrole das classes burguesas, conforme descritos por Elias (1994) e o consumo excessivo das classes inferiorizadas. Dentre outras oposições exploradas, uma delas é apontada por Lambert *et al* (2005, p. 583):

(...) quanto mais fortes forem as restrições econômicas para um determinado grupo populacional, mais a gordura será interpretada como símbolo de festa, sobrevivência, riqueza e de distinção. Assim, em sociedades ocidentais ricas, quando o nível de vida permite às classes médias uma maior facilidade de acesso a alimentos ricos em gordura, a corpulência pode passar a ser interpretada como obesidade. Como consequência, a gordura torna-se símbolo de pobreza e as classes ricas desenvolvem um modelo de corpo magro, o qual passa a ser um objetivo e símbolo de sucesso social. (LAMBERT *ET AL*, 2005, p. 583).

A refeição foi, então, ao longo do tempo tornando-se um ente sociológico (SIMMEL, 2004), onde “o alimento é o primeiro e o maior dos paradigmas do comportamento moral, ou seja, da aquisição de autocontrole” (CARNEIRO, 2005, p. 74). Há, evidentemente, outras abordagens possíveis, como a noção de ambiente alimentar, adotada por Espinoza *et al* (2017, p. 6, tradução nossa) no Chile, que seriam: “ambientes que os indivíduos e os grupos utilizam para produzir, comprar, armazenar, preparar, comer e descartar alimentos em diferentes formas e formatos”.

Um aspecto não abordado por Bourdieu, mas pelos autores posteriores, especialmente, a partir de Claude Fischler, diz respeito à ideia de onivorismo cultural, que seria, tipicamente, um comportamento de classe média, via incorporação de elementos da alta cultura e da cultura popular (BENNETT *et al*, 2009). As pesquisas no Reino Unido, nas décadas de 1990 e 2000, identificaram que, em geral, as classes médias apresentavam um consumo cultural mais amplo, do popular ao erudito, diferente do identificado por Bourdieu na França décadas anteriores.

Subjacente a esse tema está o tensionamento do conceito de *habitus* de Bourdieu. Lahire (2002) e Bennet (2007) discutem se não houve excessivo foco daquele autor nas diferenças entre classes, deixando obscurecidas as semelhanças de gostos, o que seria fruto de um *habitus* mais maleável e plural. Como alertou Warde (2014), as teorias sociológicas estabelecem seus efeitos sobre uma realidade, que é inarredavelmente complexa, ao enfatizar determinados aspectos do mundo em detrimento de outros. Nesta linha, este autor apresenta as teorias da prática como alternativas aos modelos de escolha individual (quando aborda as rotinas e os fluxos, por exemplo) e, ao mesmo tempo, explorando fenômenos normalmente escondidos na análise

cultural, como as competências incorporadas e a dimensão material, evitando recair na supervalorização da dimensão simbólica.

Deve ser destacado que, a despeito da abordagem do onivorismo, a amplitude dos gostos não encerra sua hierarquia, tampouco a forma como o consumo é subjetivado. Assim, onivorismo pode andar de mãos dadas com esnobismo, como sugere Kahma *et al* (2016) na Finlândia: ainda que haja amplo consumo de manteiga naquele país, verifica-se o consumo distintivo da manteiga *gourmet*.

Na mesma linha, Bertoncele (2010) sugere a importância de avaliar o grau de legitimidade de cada consumo e a composição dos seus gostos, de modo que talvez não seja o caso de se concluir pela abolição das fronteiras culturais. Ao contrário, elas podem estar se tornando mais complexas ao analista.

Ainda nesse mesmo autor, encontramos uma análise sobre classes sociais no Brasil (BERTONCELO, 2016) e, especificamente, outra (semelhante ao realizado na França e Reino Unido, nos trabalhos citados anteriormente) sobre a estratificação social do consumo alimentar (BERTONCELO, 2019), com base nos dados da Pesquisa Orçamentária Familiar (POF). Esta pesquisa discutiu o consumo alimentar e suas significações de forma ampla, onde, assim como na França, pôde-se constatar o consumo popular voltado à necessidade material (alimentos pesados e baratos) contrastando com a busca da elite por alimentos leves e “originais” (cozinha estrangeira, populismo culinário etc.). De forma mais específica, os traços distintivos da alimentação das elites paulistas foram tratados por Pulici (2014), ressaltando a estetização e o ascetismo burguês em oposição ao laxismo popular.

Assim como os estudos citados visaram compreender o consumo alimentar como um processo socialmente estruturado, o nosso, embora exploratório, tem a mesma intenção. Ou seja, verificar se há relação entre classes sociais e grupos de hortaliças consumidas, assim como com a preocupação com a segurança dos alimentos.

Por fim, é preciso fazer uma distinção entre alimentos e comida. Os alimentos são sempre ingeridos sob alguma forma culturalizada, ou seja, são simbolicamente transformados em comida. Segundo Barbosa (2007, p. 92), significa que

(...) os alimentos são sempre manipulados e preparados a partir de uma determinada técnica de cocção, apresentados sob uma forma específica e ingeridos em determinados horários e circunstâncias, na companhia de certas pessoas [Muito diferente de comida que é] (...) todo o processo de transformação do alimento – conjunto de nutrientes necessários à reprodução física da vida humana – aquilo que se come sob uma forma específica.

Contudo, para além da distinção entre alimento e comida, haveria diferenças sociais na preocupação com a segurança dos alimentos e no consumo de tipos hortaliças, independente do preparo? Quais seriam os seus condicionantes? Nossa hipótese central é que há efeito proeminente do capital cultural e de gênero no consumo de hortaliças no Brasil. De qualquer modo, avaliamos outras quatro variáveis, sabendo-se que há, nelas, certa imbricação, que serão abordadas nas situações em que se mostram mais evidentes. Assim, idade, gênero, raça, escolaridade, atividade profissional e renda familiar (cujas composição nos aproxima da ideia de posição social) nos permitem analisar alguns aspectos sociológicos que informam o consumo de hortaliças no Brasil.

A perspectiva em questão permite que se avalie as coletividades sociais por meio dos estilos de vida, enquanto o conjunto de suas práticas culturais, incluindo as alimentares. Assim, as classes não são pensadas ex-ante, e, sim, após a consideração das referidas práticas.

Em adição, uma das resultantes da pesquisa permite identificar novas tendências de consumo, na medida em que, em paralelo aos processos de distinção social, observa-se, em sociedades contemporâneas, o processo oposto, a imitação. De forma semelhante à moda, as elites acabam sendo tomadas como padrão de comportamento, de modo que, tendem a ser imitadas em suas práticas culturais, incluindo as alimentares (LAMBERT *et al*, 2005).

2 Metodologia

Foi aplicado um questionário *online* no período de 30 de março a 9 de abril de 2021 (em meio à pandemia, portanto). Esse instrumento foi composto de 15 questões fechadas de múltipla escolha sobre o perfil socioeconômico dos respondentes e sobre seus hábitos de consumo de hortaliças. O questionário foi divulgado em redes sociais e de acordo com amostragem não probabilística por meio de cadeias de referência conhecida como “bola de neve” que consiste na multiplicação de nomes a serem entrevistados a partir dos nomes indicados por uma pessoa que é informante-chave para a pesquisa. Esse informante-chave indica outros informantes, o que gera uma rede de contatos a serem entrevistados. A cada nova entrevista serão acumulados novos contatos potenciais e as entrevistas devem ser finalizadas quando se alcança um ponto de saturação na pesquisa, ou seja, quando “não há novos nomes oferecidos” (VINUTO, 2014).

Foram obtidas respostas de 852 pessoas residentes em 186 cidades do Brasil, com maioria nas cidades de Brasília, Porto Alegre, São Paulo e Salvador. Houve concentração em estratos sociais mais abastados, ainda que 32,5% dos respondentes afirmassem ter renda familiar de até

6.600 reais por mês. Considerando que o conjunto de respostas obtidas não corresponde a uma amostra da sociedade brasileira, esse conjunto permite somente um estudo exploratório focado em grupos mais ricos e escolarizados, proporcionando a análise comentada na introdução. Assim, como indicado, também, na introdução, o questionário teve por finalidade avaliar a aceitação de hortaliças rastreadas. Dentre as perguntas, havia duas específicas sobre consumo de hortaliças, a saber:

a) O que é importante para que você escolha uma determinada hortaliça? (É possível marcar mais de uma opção): (1) preço; (2) aparência; (3) ser orgânica⁵; (4) ser rastreada; (5) ser hidropônica; (6) ser higienizada e embalada; (7) não ter agrotóxico; (8) ser mais nutritiva.

b) Marque as alternativas que tenham ao menos 1 hortaliça que você costuma consumir. (É possível marcar mais de uma opção): 1) Batata, alface, tomate, cebola; 2) Alcachofra, flores comestíveis, ora-pro-nóbis, aspargo; 3) Couve chinesa, pepino japonês, brotos de alfafa, nabo; 4) Gengibre, batata-doce, batata yacon, couve-de-bruxelas.

Apresentamos neste artigo, basicamente, uma análise de frequências das respostas e dos cruzamentos das variáveis indicadas acima. Por fim, argumentamos pela importância dos métodos quantitativos, como complemento fundamental a abordagens puramente etnográficas (BIERSCHENK e OLIVIER DE SARDAN, 2021). Por isso, o estudo ficou restrito a realizar uma análise preliminar condizente com uma pesquisa exploratória.

3 Resultados

Como descrição do perfil dos entrevistados, temos que 58,5% eram mulheres, 74% brancos, 70% com idades entre 31 e 60 anos, 81% com superior completo (parte destes com mestrado e doutorado), 73% de servidores públicos ou empregados na iniciativa privada ou autônomos, 78,5% morando com uma a três pessoas, 66% com rendas familiares de até 13.200 reais por mês. O local preferencial de compras foi o supermercado (em segundo lugar feiras e “verdurões”), que são feitas de uma a duas vezes por semana em 79% dos casos.

Na análise dos dados, para fins de simplificação, unimos as alternativas “ensino médio” e “fundamental” da variável “Nível de escolaridade”, que tiveram poucas respostas. Ao mesmo tempo, unimos “ensino superior” com “mestrado” e “doutorado”, pois não houve diferenças

5 O Cultivo orgânico se refere a uma legislação específica (Lei 10.831/2003) que impõe determinados manejos e proibições no cultivo, a exemplo de adubos químicos. Portanto, não se trata, somente, de não uso de agrotóxicos. Em princípio, deve haver um selo que o ateste.

significativas nas respostas para essas alternativas. Quanto à variável “Cor/Raça”, a alternativa “indígena” teve somente um respondente, sendo excluída da apresentação por razões estatísticas. Da mesma forma, a alternativa “terceiro setor” da variável “Atividade profissional” foi indicada por somente oito pessoas, sendo desconsiderada.

Por último, houve somente uma resposta quanto à variável “Gênero” diferente de masculino e feminino, e, por isso, também não foi considerada. Apresentamos os resultados nas próximas sessões considerando os dois temas centrais da discussão no artigo, a segurança de alimentos e a escolha das hortaliças.

3.1 Segurança dos alimentos

Tem-se relatado aumento na preocupação dos brasileiros com segurança dos alimentos⁶ (ANDRADE *et al*, 2013). Apesar da complexidade dos efeitos e custo-benefício da rotulagem dos alimentos (nem sempre lidos pelos consumidores como benéficos), mas considerando que ele pode corrigir uma imperfeição do mercado (SUNSTEIN, 2021), quando se trata de agrotóxicos, sua necessidade é inescapável.

Tratamos esse tema quando perguntamos sobre os aspectos mais importantes que são considerados para a escolha das hortaliças. Parte-se do pressuposto que as respostas que citam “orgânico” e/ou “sem agrotóxicos” e/ou “ser rastreada” explicitam uma preocupação com a segurança dos alimentos, uma forma de evitar os agrotóxicos ou os seus excessos. Assim, observa-se que 53% dos respondentes (81% de menções, já que havia a possibilidade de múltipla escolha) manifestaram esta preocupação. Não foi abordado o tema da contaminação biológica, embora seja importante e se relacione com segurança.

Imaginamos que é razoável que as pessoas não querem consumir alimentos que foram, em algum momento, pulverizados com agrotóxicos. De qualquer modo, e em que pese 57,5% (490 respondentes) não saberem o que era rastreabilidade, esta preocupação se mostrou relevante. As outras foram “aparência”, com mesmo valor, 81% de menções (692 ao todo); “preço”, 52% (444 menções); “qualidade nutritiva”, 37% (317 menções); “higienizada e embalada”, 30% (255 menções); e “hidropônica”, 10% (83 menções). Neste último caso, 92% (781 respondentes) afirmaram saber o que era uma hortaliça hidropônica.

6 Convém não confundir com segurança alimentar, que está relacionada à disponibilidade de alimentos.

Corroborando com a demanda aventada acima, 63,4% dos respondentes (540 pessoas) afirmaram disposição em pagar até 25% mais se a hortaliça embalada e higienizada for produzida de forma hidropônica, sem agrotóxicos e se souber sua origem. Para a mesma questão, 9,5% (81 respondentes) pagariam até 50% mais; e quase 4% (33 respondentes) pagariam o dobro por uma hortaliça embalada, higienizada, hidropônica e sem agrotóxicos.

3.2 Estratificação social do consumo de hortaliças

Os respondentes escolheram quais grupos de hortaliças consumiam, observando-se as alternativas abaixo, em múltipla escolha.

1. hortaliças mais consumidas do Brasil (batata, alface, tomate, cebola);
2. hortaliças típicas de alta culinária (alcachofra, aspargo, ora-pro-nóbis e flores);
3. hortaliças relacionadas à “cozinha asiática” (couve-chinesa, pepino japonês, broto de alface e nabo);
4. hortaliças relacionadas a “alimentos funcionais” (gingibre, batata-doce, batata yacon e couve de Bruxelas).

A escolha das hortaliças que melhor representariam os grupos de hortaliças propostos acima considerou consulta *online* sobre tais alimentos: matérias jornalísticas opiniões de *chefs* de cozinha, opiniões de produtores especializados e receitas de culinária asiática, ainda que se mantivesse certo grau de arbitrariedade. Por exemplo, a batata-doce (que está no grupo 4) tem, possivelmente, uma significação muito diferente, a depender do grupo social que o consome. Mas, em se tratando de uma pesquisa exploratória, considera-se um primeiro passo (ver sessão Anexos).

A quase totalidade dos respondentes (838, mais de 98%), como era esperado, escolheu o grupo 1, composto pelas hortaliças mais comuns do Brasil. Como indicado, os processos de distinção social com relação à alimentação estão mais relacionados à forma de preparo e de apresentação do que ao produto em si. Assim, nossa análise é focada nos diferenciais de escolha dos grupos de consumo mais raros. O grupo 4 teve 431 escolhas (50,5%), o grupo 3, 335 escolhas (39,3%); e o grupo 2, 89 escolhas (10,4%).

Avaliou-se o grau de diversificação dos respondentes e dos grupos que eles compõem. Consideramos diversificados aqueles respondentes que escolheram mais de um grupo de hortaliças. 38,3% (ao todo, 326) dos respondentes só apontaram o grupo 1 e 12 pessoas

apontaram apenas os grupos 2 (apenas 2 respondentes) ou 3 (um conjunto de 5 respondentes) ou 4 (5 respondentes), o que permite identificarmos quase 40% do que chamaremos de monotemáticos. O restante dos respondentes (aproximadamente 60%), em diversos graus, apresenta um cardápio mais diversificado (escolheram mais de um dos grupos de hortaliças apresentados). A seguir, discutimos os dois temas para cada variável.

3.3 Relevância da variável renda

A tabela 1 indica que não há relação direta de renda familiar mensal com preocupação com a segurança dos alimentos, assim como com a diversificação do consumo de hortaliças, mesmo considerando-se que os grupos 2, 3 e 4 representam hortaliças mais caras. Essa constatação mediante respostas ao questionário aplicado corrobora com diversas pesquisas já realizadas atestando que o consumo de orgânicos, por exemplo, está mais relacionado a escolaridade do que à renda (GUIVANT, 2003).

Tabela 1 - Cruzamento da faixa de renda dos respondentes preocupados com a segurança dos alimentos, com o consumo dos grupos de hortaliças (2, 3, 4) e os respondentes diversificados*

Faixas de renda (R\$)	Segurança dos alimentos	Grupo 2	Grupo 3	Grupo 4	Diversificados
1.100 a 3.300	49,1	10,3	35,3	44,8	53,4
3.300 a 6.600	56,5	9,3	38,5	47,8	60,2
6.600 a 9.900	47,0	8,7	42,3	53,7	63,1
9.900 a 13.200	52,9	10,3	39,7	46,3	56,6
13.200 a 16.500	59,0	14,8	49,2	55,7	70,5
16.500 a 19.800	53,4	8,6	39,7	56,9	65,5
19.800 a 33.000	62,0	9,3	33,3	55,6	61,1
Mais de 33.000	44,4	14,3	38,1	47,6	58,7
Amostra total	53,0	10,2	39,1	50,4	60,3

Valores em percentuais em relação ao total de entrevistados (852 respondentes)

*Os respondentes diversificados consomem mais de um grupo de hortaliças.

Fonte: elaborada pelos autores.

3.4 Relevância da variável escolaridade

A tabela 2 revela que a escolaridade é uma das variáveis mais importantes, apresentando diferenças bem mais delineadas. Somente 48,4% dos respondentes com ensino fundamental e/ou ensino médio completo se mostraram diversificados, em comparação a 63,1% daqueles com curso superior. Da mesma forma, quando avaliamos o consumo dos grupos 2, 3 e 4 isoladamente,

a situação se repete: aqueles com curso superior tiveram consumo maior. Por fim, estes também apresentaram maior preocupação com a segurança de alimentos.

Assim, o capital cultural – identificado, aqui, de forma simplificada, pela escolaridade – se apresenta como uma variável central para compreendermos o consumo de hortaliças. Tais resultados confirmam, em geral, os encontrados fora do Brasil, com exceções, como um caso estudado na Colômbia (PABÓN, 2019), onde ocorre o exato oposto, ou seja, quanto maior a escolarização e a renda, menor o consumo de hortaliças. Ainda que não aprofunde o tema, a autora desse estudo realizado na Colômbia atribui esse resultado a aspectos culturais, onde o consumo de hortaliças seria, neste país, associado à pobreza.

Tabela 2 - Cruzamento do nível de escolaridade dos respondentes preocupados com a segurança dos alimentos, com o consumo dos grupos de hortaliças (2, 3, 4) e os respondentes diversificados*

	Segurança dos alimentos	Grupo 2	Grupo 3	Grupo 4	Diversificados
Ensino médio e fundamental	46,6	8,7	29,8	40,4	48,4
Ensino superior	54,6	10,6	41,2	52,7	63,1
Amostra total	53,0	10,2	39,1	50,4	60,3

Valores em percentuais em relação ao total de entrevistados (852 respondentes)

*Os respondentes diversificados consomem mais de um grupo de hortaliças.

Fonte: elaborada pelos autores.

3.5 Relevância da variável gênero

A tabela 3 indica que 54,3% dos homens se mostraram diversificados, enquanto, para as mulheres, o valor foi de quase 64,7%, uma diferença considerável. A situação se repete no consumo de cada grupo de hortaliças e na preocupação com a segurança de alimentos.

Uma explicação possível para esta constatação se relaciona a uma maior responsabilização feminina pela alimentação, especialmente no âmbito do trabalho doméstico, além de um maior investimento (no duplo sentido, financeiro e psicanalítico) na apresentação de si (que se relaciona a uma maior predileção por hortaliças), tendo em vista os mercados matrimonial⁷ e de trabalho, especialmente para burguesas e pequeno-burguesas (BOURDIEU, 2005). Não remunerado, o trabalho doméstico também precisa ser desnaturalizado enquanto destino ou atribuição de mulheres, na medida em que esconde a exploração do trabalho feminino (FEDERICI, 2019).

7 Se trata de uma metáfora usada por Pierre Bourdieu ao se referir ao espaço simbólico de trocas matrimoniais.

Outro aspecto relevante relativo à variável gênero é sua interação com a variável escolaridade, visto que as mulheres respondentes do questionário têm escolaridade levemente maior (82,5% tinham curso superior, em comparação a 79% entre homens), tendo-se, neste caso, algum efeito sinérgico.

Tabela 3 - Cruzamento da variável gênero dos respondentes preocupados com a segurança dos alimentos, com o consumo dos grupos de hortaliças (2, 3, 4) e os respondentes diversificados*

	Segurança dos alimentos	Grupo 2	Grupo 3	Grupo 4	Diversificados
Homens	47,4	7,1	34,1	44,9	54,3
Mulheres	56,8	12,2	42,6	54,2	64,7
Amostra total	53,0	10,2	39,1	50,4	60,3

Valores em percentuais em relação ao total de entrevistados (852 respondentes)

*Os respondentes diversificados consomem mais de um grupo de hortaliças.

Fonte: elaborada pelos autores.

3.6 Relevância da variável raça

Esclareça-se que adotamos as categorias raciais utilizadas pelo IBGE, sendo que não é objetivo deste artigo discutir a pertinência destas expressões. Da tabela 4, extrai-se duas informações relevantes: os auto identificados como pretos apresentam uma marcada menor diversificação na escolha das hortaliças, assim como uma menor preocupação com a segurança de alimentos. Ainda que se considere uma amostra relativamente pequena destes (35 respondentes), os resultados mereceram investigação mais apurada. Cotejando raça com escolaridade (34,3% dos pretos não têm curso superior, o extrato menos escolarizado da amostra), torna-se evidente o racismo estrutural, que, como um de seus efeitos, ocasiona à população negra maiores impeditivos para acesso e permanência em instituições de ensino superior (ALMEIDA, 2019; TELLES; FLORES; URREA-GIRALDO, 2015).

Sabe-se, também, que a definição dos grupos de hortaliças imprimiu seus efeitos, sendo o caso mais evidente o da culinária asiática. Se fosse a escolha por uma culinária, digamos, baiana (com maniçoba, coentro, pimenta etc.), a situação poderia se mostrar diferente, como sugere o trabalho de Santos (2006).

Um segundo achado se refere à grande diversificação apresentada pelos amarelos (81%), assim como seu maior consumo dos grupos 2, 3 e 4, especialmente, o grupo 3, neste caso, com hortaliças muito comuns na culinária asiática. O alto consumo de hortaliças na China já foi devidamente registrado (DONG *et al*, 2020; YANG *et al*, 2021). Por outro lado, dentre os amarelos, não há diferença marcante quanto à segurança de alimentos. A rastreabilidade de hortaliças

ainda é um desafio na China (LI; PAUDEL; GUO, 2021) e em Taiwan (LIAO; CHANG; CHANG, 2011), por exemplo. Registre-se que os amarelos compuseram um conjunto pequeno de respondentes (apenas 42).

Tabela 4 - Cruzamento da variável raça dos respondentes preocupados com a segurança dos alimentos, com o consumo dos grupos de hortaliças (2, 3, 4) e os respondentes diversificados*

	Segurança dos alimentos	Grupo 2	Grupo 3	Grupo 4	Diversificados
Amarelo	45,2	11,9	81,0	57,1	81,0
Preto	34,3	5,7	28,6	28,6	45,7
Branco	53,5	10,6	37,1	50,6	59,7
Pardo	57,6	9,0	38,2	52,1	60,4
Amostra total	53,1	10,2	39,1	50,4	60,3

Valores em percentuais em relação ao total de entrevistados (852 respondentes)

*Os respondentes diversificados consomem mais de um grupo de hortaliças.

Fonte: elaborada pelos autores.

3.7 Relevância da variável ocupação profissional

A ocupação profissional (um *proxy* para classe social que se relaciona mais fortemente com renda) não se revelou uma variável relevante na explicação dos processos estudados, considerando, inclusive, o fato de que, em alguns casos, a amostra ficou muito pequena (caso do consumo do grupo 2). De qualquer modo, a tabela 5 apresenta uma larga preocupação com segurança de alimentos entre servidores públicos, 61,9% (somente 6,7% dos servidores não tem curso superior), ficando abaixo entre estudantes, 37%, 60,2% dos quais têm ensino médio ou fundamental. Ou seja, novamente, a escolaridade se revela como elemento explicador.

Como exceção, somente 43% dos empregados na iniciativa privada apresentaram preocupação com a segurança de alimentos, ainda que somente 12,68% destes não tenha curso superior, o que conflita com o discutido anteriormente. Ademais, esta categoria apresentou um balanço feminino/masculino semelhante à média. Assim, se trata de um achado ainda não explicado e que demanda aprofundamento.

Paralelamente, a alternativa “empregadores com até cinco empregados” se mostrou a menos diversificada (44,4%). Os empregadores apresentaram proporcionalmente mais homens. Por fim, aqueles sem atividade laboral foram os que apresentaram maior diversificação (70,6%). Neste caso, se trata de uma categoria genérica sobre a qual dificilmente é possível explicar.

Tabela 5 - Cruzamento dos tipos de ocupação profissional dos respondentes preocupados com a segurança dos alimentos, com o consumo dos grupos de hortaliças (2, 3, 4) e os respondentes diversificados*

	Segurança de alimentos	Grupo 2	Grupo 3	Grupo 4	Diversificados
Autônomos	59,7	9,1	35,8	51,7	59,1
Empregados na iniciativa privada	42,9	7,3	41	48,8	59,5
Servidores Públicos	61,9	11,3	38,5	54,4	64
Empresários com até 5 empregados	51,1	17,8	37,8	37,8	44,4
Empresários com mais de 5 empregados	48,5	15,2	45,5	48,5	54,5
Estudantes	37,2	9,0	35,9	41,0	53,8
Sem atividade laboral	55,9	10,3	45,6	57,4	70,6
Amostra total	53,1	10,2	39,1	50,4	60,3

Valores em percentuais em relação ao total de entrevistados (852 respondentes)

*Os respondentes diversificados consomem mais de um grupo de hortaliças.

Fonte: elaborada pelos autores.

3.8 Relevância da variável idade

Como se observa na tabela 6, há certa tendência de aumento da preocupação da segurança dos alimentos com a idade, especialmente, a partir da faixa dos 41 anos. Contudo, quanto à escolha das hortaliças, os resultados não são nítidos: tendência menos diversificada aparece na faixa dos menores de 20 anos e com 70 anos ou mais. Ademais, pessoas acima de 70 anos apresentaram baixa escolha dos grupos 2 e 4. O grupo dos respondentes com menos de 20 anos de idade tem menor volume de capital cultural, o que poderia ser uma explicação para a escolha. Quanto aos mais idosos, pode-se pensar numa menor imposição ao investimento nos cuidados com o corpo por conta de um afastamento relativo dos mercados matrimoniais e de trabalho.

Tabela 6 - Cruzamento das faixas de idade dos respondentes preocupados com a segurança dos alimentos, com o consumo dos grupos de hortaliças (2, 3, 4) e os respondentes diversificados*

Faixa de idade	Segurança dos alimentos	Grupo 2	Grupo 3	Grupo 4	Diversificados
Até 20	41,2	5,9	17,6	35,3	47,1
21 a 30	38,5	12,5	37,5	52,1	61,5
31 a 40	42,2	5,4	31,3	45,6	52,4
41 a 50	53,4	10,0	41,6	55,7	64,8
51 a 60	58,1	13,1	43,2	54,1	63,3
61 a 70	70,3	13,2	39,6	48,4	61,5
Mais de 70	60,4	3,8	41,5	30,2	50,9
Amostra total	53,1	10,2	39,1	50,4	60,3

Valores em percentuais em relação ao total de entrevistados (852 respondentes)

*Os respondentes diversificados consomem mais de um grupo de hortaliças.

Fonte: elaborada pelos autores.

3.9 Relevância da variável região de moradia

Adicionalmente, um corte por estado da federação não apresentou diferenças significativas, demonstrando certa homogeneidade regional no consumo de hortaliças, obviamente, considerando não só o tamanho da amostra, mas, também, o fato desta ter se concentrado em grandes cidades brasileiras, espaços mais cosmopolitas.

4 Discussão

A sondagem realizada nos permitiu uma primeira abordagem sobre as correspondências entre seis variáveis e algumas práticas alimentares, sendo importantes não só na escolha das hortaliças a serem consumidas, mas os aspectos mais relevantes para tal consumo. A escolha das hortaliças apresentou suas diferenças mais marcantes quanto à escolaridade e gênero, onde o curso superior e mulheres foram as categorias mais relevantes para um comportamento mais diversificado no consumo desses produtos e, ao mesmo tempo, uma maior preocupação com a segurança de alimentos.

Ainda que o capital econômico tenha sido considerado, aqui, de forma simplificada, visto que não dispusemos de dados de patrimônio dos respondentes, essa variável se mostrou pouco relevante em nossos resultados. Isto vale para a variável renda, assim como para a variável ocupação profissional. Neste caso, as diferenças encontradas estão relacionadas à escolaridade.

O foco na diversificação no consumo de grupos de hortaliças não implica na adesão à ideia de desaparecimento dos processos de distinção social. A tendência ao consumo distintivo é representada pelos grupos 2, 3 e 4 e pelo foco na segurança de alimentos, inclusive, porque se relaciona ao ideário de alimentos saudáveis, incluindo os orgânicos. A adoção de entrevistas e, inclusive, etnografia, em futuras pesquisas, nos possibilitará aprofundar a discussão sobre esses temas, oportunizando mais elementos para reflexão sobre como os agentes sociais significam o consumo de hortaliças, o que poderá deixar mais claro os processos de distinção social (assim como constatou Bourdieu na sociedade francesa da década de 1960).

O consumo alimentar é uma fundamental instância de distinção social, assim como apontam vários autores. Após a pesquisa de 907 livros de culinária no Brasil, remontando mais de um século, Gomes e Barbosa (2004) ressaltam o consumo alimentar como instância de distinção, ou seja, mais do que no consumo conspícuo, é ali que os agentes sociais buscam rivalizar e demonstrar seu capital simbólico.

A partir da década de 1990, na “Culinária de papel”, obra citada acima, emerge a noção de dieta estética, do corpo esculpido, acompanhada de uma dupla significação: de um lado, uma dieta de alimentos balanceados, que constrói o corpo como um objeto construído cientificamente e, de outro, um corpo como estilo de vida ligado a posturas filosóficas e ambientalistas, cujas raízes estão nos movimentos contraculturais da década de 1960, o que as autoras chamaram de “culinária Nova Era”. Por fim, delineiam o último destes corpos, que é o corpo sentido, cujo personagem central é o indivíduo *gourmet*:

(...) um sujeito cultivado, para quem a "arte de cozinhar" foi ampliada na "arte de comer bem", ou seja, de comer no sentido de degustação. Trata-se de uma personagem que sabe explorar o sentido do paladar e do olfato, que se deleita com gostos e cheiros, que é uma apreciadora de refeições apuradas e dos prazeres da mesa. Trata-se de uma personagem para quem o corpo é um centro de prazer, para quem comer não é sobreviver, e sim a razão da própria existência, e cujo principal lazer consiste em fazer verdadeiras aventuras gastronômicas, isto é, ir de restaurante em restaurante, de mesa em mesa, dentro do mesmo país ou fora dele, em busca de novidades e informações sobre comidas (GOMES e BARBOSA, 2004, p. 18).

Assim, tem-se a exploração de posturas hedonistas, em oposição ao ascetismo do belo. Cabe considerar que, apesar da existência destas duas referências opostas, em ambos, denota-se um comportamento distintivo nestas novas significações das refeições.

Em nosso estudo exploratório, observamos que mesmo pessoas “distintas” não deixam de consumir as hortaliças comuns. O estilo, no sentido de Bourdieu, de estetização da vida, poderá ser prospectado de modo mais pormenorizado com foco no consumo de hortaliças específicas, sendo as flores comestíveis um caso paradigmático de uma apropriação estética da comida. Contudo, os alimentos “funcionais” também podem ser mote para reflexão sobre grupos de hortaliças relacionadas ao culto corporal, como os do grupo quatro ou, no caso da cozinha asiática. O culto ao corpo perfeito, magro, “lightizado” é, também, abordado numa pesquisa de doutorado realizada em academias de Salvador (SANTOS, 2006).

A tendência de menor diversificação no consumo de hortaliças dentre pessoas mais velhas e homens reforça a ideia de o maior consumo de hortaliças estar relacionado a um imperativo do culto corporal e à apresentação de si. Embora o gênero não tenha sido enfatizado por Bourdieu no livro “Distinção”, o que mereceu a crítica de Bennet *et al* (2009), aquele autor mais tarde abordou o tema, afirmando que ninguém mais do que mulheres de classe média tem a consciência aguda do valor mercadológico de um corpo esbelto e saudável (BOURDIEU, 2005). É razoável pensar que tal injunção não conste como preocupação primordial de idosos, talvez explicando seu maior monotematismo (não diversificação do consumo de hortaliças) em nossa

pesquisa. Pode-se considerar, em adição, um efeito cultural, como no caso da exacerbação deste comportamento por parte de mulheres latinas, como se observa no estudo de Lucchese; Batalha; Lambert (2006). De outro lado, Oliveira *et al* (2015) constataram, a partir de pesquisa em postos de saúde de Belo Horizonte, o maior reconhecimento da importância das hortaliças entre as mulheres, ainda que a maior parte delas não as consumisse adequadamente.

A análise sociológica do consumo de hortaliças deve enfrentar, portanto, não apenas temas clássicos das posições ou classes sociais, ampliando para novas abordagens, como gênero, raça e geração. Conhecer os condicionantes do consumo de hortaliças na sociedade brasileira, para além da investigação sociológica, permite averiguar as tendências de consumo de forma mais complexa.

Assim, encontramos evidências de que existe um mercado potencial para produtos sem agrotóxicos, incluindo orgânicos. Vale dizer que a escolha por produtos sem agrotóxicos (331 menções) foi levemente superior a produtos orgânicos (300 menções), o que pode estar significando primordialmente um desconhecimento das diferenças entre esses tipos de produtos. Mas, além disso, avança-se a ideia de que parte dos consumidores podem estar mais preocupados com os agrotóxicos em si e, não necessariamente, com o ideário relacionado à noção de orgânico.

Deve ser considerado que o preço e a aparência são critérios importantes para os consumidores, o que se consubstancia como limitantes ao cultivo sem agrotóxicos. No caso dos orgânicos, a dificuldade de se atingir patamares de alta produtividade e qualidade visual tornam estes produtos caros e com aspecto inferior, em geral (MESQUITA, 2013).

Em suma, a escolha da categoria “orgânico” – enquanto critério de compra – junto à “sem agrotóxico” e à categoria “rastreado”, formando a categoria segurança de alimentos (para fins analíticos neste artigo), parte da consideração de que, para o consumidor não especialista, poderá ser difícil a discriminação destas diferentes categorias. Assim, o consumo de orgânicos, propriamente, embora não tenha sido quantificado, pode ser avaliado indiretamente. Em sendo produtos mais caros e consumidos por mais escolarizados, podem, por hipótese, representar certo estilo de vida baseado em práticas distintivas, como sugere Kahma *et al* (2016), em estudo na Finlândia, ou mesmo, em alguns estudos brasileiros (MELLO, 2013; SILVA, 2007; BARREIROS e MAZON, 2017). Indo além, Guivant (2003), discute uma tendência que foi nomeada como “ego-trip”, um estilo de vida relacionado a preocupação com saúde e qualidade nutricional, e não, a um ativismo ambiental.

O consumo alimentar hierarquizado é, possivelmente, ubíquo. Como exemplos, os estudos que mencionamos na França, Reino Unido, Finlândia, Noruega e Colômbia, além do Brasil.

Em geral, agentes sociais mais escolarizados, com maior renda e identificados como mulheres consomem mais hortaliças. Como discutimos ao longo do artigo, encontramos algumas diferenças a essa tendência principal. De qualquer modo, a análise das variáveis indicadas lança pistas sobre a centralidade do capital cultural e do gênero nas práticas alimentares brasileiras, mas se sem descartar novas análises sobre as demais variáveis.

Referências

- ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.
- ANDRADE, J. C.; DELIZA, R.; YAMADA, E. A.; GALVÃO, M. T. E. L.; FREWER, L. J.; BERAQUET, N. J. Percepção do consumidor frente aos riscos associados aos alimentos, sua segurança e rastreabilidade. **Braz. J. Food Technol.** Campinas, v. 16, n. 3, p. 184-191, jul./set. 2013.
- BARBOSA, L. Feijão com arroz e arroz com feijão: O Brasil no prato dos brasileiros. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 87-116, jul./dez. 2007.
- BARREIROS, B. C.; MAZON, M. S. O consumo de orgânicos na perspectiva sociológica: analisando um mercado especializado em Florianópolis-SC. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo, v. XX, n. 1, p. 147-166, jan.-mar. 2017.
- BENNET, T. Habitus Clivé: Aesthetics and Politics in the Work of Pierre Bourdieu. **New Literary History**, n. 38, v.1, 2007, p. 201-228.
- BENNETT, T.; SAVAGE, M.; SILVA, E.; WARDE, A.; GAYO-CAL, M.; WRIGHT, D. **Culture, Class, Distinction**. Routledge, 2009.
- BERTONCELO, E. CLASSE SOCIAL E ALIMENTAÇÃO Padrões de consumo alimentar no Brasil contemporâneo. **RBCS**, v. 34 n° 100 /2019: e3410005.
- BERTONCELO, E. O espaço das classes sociais no Brasil. **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, v. 28, n. 2, p. 73-104, 2016.
- BERTONCELO, E. **Classes sociais e estilos de vida na sociedade brasileira**. Tese de Doutorado, USP. 2010.
- BIERSCHENK, T.; OLIVIER DE SARDAN, J-P. The anthropology of bureaucracy and public administration. **Oxford Research Encyclopedia of Politics**. Oxford: Oxford University Press; Disponível em: <https://doi.org/10.1093/acrefore/9780190228637.013.2005>. 2021.
- BOURDIEU, P. Capital simbólico e classes sociais. **Novos Estudos CEBRAP**, n. 96. p. 105-115, 2013.
- BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- CANELLA, D.S.; LOUZADA, M.L.C.; CLARO, R.M.; COSTA, J.C.; BANDONI, D. H.; LEVY, R.B.; MARTINS, A. P. B. Consumo de hortaliças e sua relação com os alimentos ultraprocessados no Brasil. **Revista de Saúde Pública**, n. 52, 2018.

- CARNEIRO, H. S. Comida e Sociedade: significados sociais na História da Alimentação. **História: Questões & Debates**, Editora UFPR, Curitiba, n. 42, p. 71-80, 2005.
- CLARO, R. M.; MONTEIRO, C. A. Renda familiar, preço de alimentos e aquisição domiciliar de frutas e hortaliças no Brasil. **Revista de Saúde Pública**, n. 44, v. 6, p. 1014-1020, 2010.
- DONG, Y.; FU, Z.; STANKOVSKI, S.; WANG, S.; LI, X. Nutritional Quality and Safety Traceability System for China's Leafy Vegetable Supply Chain Based on Fault Tree Analysis and QR Code. **IEEE Access**, v. 8, p. 161261-161275, 2020.
- DOUGLAS, M; ISHERWOOD, B. **O mundo dos bens**: para uma antropologia do consumo. Editora UFRJ, 2004.
- ELIAS, N. **O processo civilizador**: formação do estado e civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- ESPINOZA, P. G.; EGANA, D.; MASFERRER, D.; CERDA, R. Propuesta de un modelo conceptual para el estudio de los ambientes alimentarios en Chile. **Rev Panam Salud Publica**. 2017; 41:e169. doi: 10.26633/ RPSP.2017.169
- FEDERICI, S. **O ponto zero da revolução**: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. Editora Elefante, 2019.
- GOMES, L. G.; BARBOSA, L. Culinária de papel. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 33, p. 3-23, janeiro-junho, 2004.
- JAIME, P. C.; FIGUEIREDO, I. C. R; MOURA, E. C.; MALTA, D.C. Fatores associados ao consumo de frutas e hortaliças no Brasil, 2006. **Rev Saúde Pública**, 2009;43(Supl 2):57-64.
- JUNQUEIRA, A. H.; LUENGO, R. F. A. Mercados diferenciados de hortaliças. **Horticultura Brasileira**, Brasília, v. 18, n. 2, p. 95-99, julho 2000.
- KAHMA, N.; NIVA, M.; HELAKORPI, S.; JALLINOJA, P. Everyday distinction and omnivorous orientation: An analysis of food choice, attitudinal dispositions and social background. **Appetite**, n. 96, p. 443-453, 2016.
- LAHIRE, B. **Homem plural**: os determinantes da ação. Petrópolis: Vozes, 2002.
- LAMBERT, J. T.; BATALHA, M. O.; SPROESSER, R. L.; SILVA, A. L; LUCCHESI, T. As principais evoluções dos comportamentos alimentares: o caso da França. **Rev. Nutr.**, Campinas, 18(5):577-591, set./out., 2005.
- LI, L.; PAUDEL, K. P.; GUO, J. Understanding Chinese farmers' participation behavior regarding vegetable traceability systems. **Food Control**, n.130, 2021, 108325.
- LIAO, P-A.; CHANG, H-H.; CHANG, C-Y. Why is the food traceability system unsuccessful in Taiwan? Empirical evidence from a national survey of fruit and vegetable farmers. **Food Policy**, n. 36, p. 686–693, 2011.
- LUCCHESI, T.; BATALHA, M. O.; LAMBERT, J. L. Marketing de alimentos e o comportamento de consumo: proposição de uma tipologia do consumidor de produtos light e ou diet. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, Lavras, v. 8, n. 2, p. 227-239, 2006.
- MELLO, P. F. Agroecologia: as classes em seu lugar? **Colóquio**: Revista do Desenvolvimento Regional, v. 10, n. 2, jul./dez, p. 171-177, 2013.
- MESQUITA, F. F. Agricultura orgânica: relato de uma experiência. **Colóquio**: Revista do Desenvolvimento Regional, v. 10, n. 2, jul./dez., p. 189-200, 2013.

- NASCIMENTO, W. M. **Ano Internacional das Frutas e Hortaliças**: por uma alimentação mais saudável. Embrapa, 2021.
- NOVAES, A. L.; SPROESSER, R. L.; SOUZA, P. A. R.; MOURAD, C. B.; TRDEZINE, A. O. Efeito do nível de escolaridade no consumo de carne bovina e hortaliças no Brasil. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA E ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 44., **Anais..**, 2006.
- OLIVEIRA, M. S.; LACERDA, L. N. L.; SANTOS, L. C.; LOPES, A. C. S. CÂMARA, A. M. C. S.; MENZEL, H-J. K.; HORTA, P. M. Consumo de frutas e hortaliças e as condições de saúde de homens e mulheres atendidos na atenção primária à saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, n. 20, v.8, p. 2313-2322, 2015.
- PABÓN, G. T. ¿En qué gastamos para comer y cuánto? Condiciones socioeconómicas y presupuesto para el consumo de alimentos (Colombia, 1993-2014). **Rev. Colomb. Soc.**, v. 42, n. 2, p. 191-228, jul-dic, 2019.
- POULAIN, J-P.; PROENÇA, R. P. C. O espaço social alimentar: um instrumento para o estudo dos modelos alimentares. **Rev. Nutr.**, Campinas, n. 16, v. 3, p. 245-256, jul./set., 2003.
- PULICI, C. A alimentação solene e parcimoniosa: práticas gastronômicas como fonte de distinção das elites brasileiras. **Revista Ecopós**, v.17, n. 3, p. 1-15, 2014.
- SANTOS, L. A. S. **O Corpo, o comer e a comida**: um estudo sobre as práticas corporais e alimentares cotidianas a partir da cidade de Salvador – Bahia. Tese de doutorado. Programa de estudos pós-graduados em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.
- SIMMEL, G. Sociologia da alimentação. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 33, p. 159-166 janeiro-junho, 2004.
- SILVA, D. E. T. **O Consumo de alimentos sem agrotóxicos como fator de distinção social**: O caso de Viçosa-MG. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, Universidade Federal de Viçosa, 2007.
- SILVA, L. E. S.; CLARO, R. M. Tendências temporais do consumo de frutas e hortaliças entre adultos nas capitais brasileiras e Distrito Federal, 2008-2016. **Cad. Saúde Pública**, n. 35 v. 5 2019: e00023618.
- SKULAND, S. E. Healthy Eating and Barriers Related to Social Class. The case of vegetable and fish consumption in Norway. **Appetite**, n. 92, p. 217–226, 2015.
- SUNSTEIN, C. R. Viewpoint: Are food labels good? **Food Policy**, n. 99, 101984, 2021.
- TELLES, E.; FLORES, R. D.; URREA-GIRALDO, F. Pigmentocracies: Educational inequality, skin color and census ethnoracial identification in eight Latin American countries. **Research in Social Stratification and Mobility**, n. 40, p. 39-58, 2015.
- VAZ, D. V.; HOFFMANN, R. Evolução do padrão de consumo das famílias brasileiras entre 2008 e 2017. **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 30, n. 1 (71), p. 163-186, jan-abr, 2021.
- VILELA, N. J.; MACEDO, M. M. C. Fluxo de poder no agronegócio: o caso das hortaliças. **Horticultura brasileira**, Brasília, v. 18, n. 2, p. 88-94, 2000.
- WARDE, A. After taste: culture, consumption and theories of practice. **Journal of Consumer culture**, v. 4, n.3, p. 279-303, 2014.
- YANG, X.; LI, M.; YU, H.; WANG, M.; XU, D.; SUN, C. A Trusted Blockchain-Based Traceability System for Fruit and Vegetable Agricultural Products. **IEEE Access**, v. 9, p. 36282-36293, 2021.